

O BAJUBÁ DA BONECA – A COMUNICAÇÃO COMO REPRESENTAÇÃO DA TRAVESTI¹

Rafael Bozzo Ferrareze²

Ana Paula Moreira³

RESUMO

Este trabalho tem como ideia central apresentar uma breve discussão sobre a construção imagética de travestis na cidade de Ponta Grossa/PR. Para melhor compreender esta problemática apresentaremos tais construções focando em seus corpos, vestuários e formas de linguagem. Assim, apontamos que a linguagem é um campo profícuo para vislumbrar os processos de constituição das identidades e marcas pessoais destes sujeitos. Este esboço contou com a participação de cinco travestis da referida cidade, onde através de suas histórias de vida pudemos analisar suas narrativas sobre a construção de suas imagens nas suas reproduções sociais em meio à comunidade através das percepções sobre sua linguagem – comunicação e identidade.

Palavras-chave: Travestis. Imagem. Gênero. Identidade. Linguagem.

1. INTRODUÇÃO

Quando pensamos na população travesti nos vem logo a mente um conceito construído e reproduzido socialmente destas pessoas. Para muitos travestis são a escória da sociedade, são vulgares, pessoas que não possuem caráter, que permeiam a prostituição apenas pelo prazer, dinheiro e etc., estigmas estes que moldam e constroem como já dito a figura da pessoa travesti no imaginário social. Porém quem são essas atrizes sociais⁴? Como

1 Trabalho inscrito para o GT Comunicação e Sociedade, do VII Encontro de pesquisa em Comunicação.

2 Mestre em Desenvolvimento Comunitário pela UNICENTRO. Docente do Curso de Serviço Social da UEPG. E-mail: rafaelerrareze@hotmail.com

3 Especialista em Práticas Interdisciplinares Junto à Família pela UEPG. Docente do Curso de Serviço Social da UEPG. E-mail: alupam@gmail.com

4 Atrizes sociais se referis as travestis [...], advém primeiramente das escolhas de seus nomes sociais [...]. Essas pessoas [...] escolhem para si nomes de pessoas famosas e com quem se identificam, para serem referenciadas por todas as outras travestis e demais pessoas (MISCOLCI e PELÚCIO, 2007). Esses nomes, em meio à prostituição, lhes agrega o valor de atrizes, pois muitas vezes [...] estas têm que interpretar diferentes papéis – ativa ou passiva –, bem como diferentes sentimentos e sensações – de que se está feliz, alegre, de que nada as atinge ou de que estão sentindo prazer nas relações sexuais, seja através do gozo das mesmas ou do fazer o cliente gozar. É, literalmente, o jogo do interpretar, logo, atrizes sociais, em

estas pessoas se constroem enquanto travestis? como reproduzem suas identidades sociais em meio à população que as tem como abjetas⁵? Estas perguntas são parâmetros a serem respondidos ao longo deste trabalho tendo como apoio para tanto cinco travestis que residem e trabalham em meio à noite pontagrossense.

Antes de aprofundarmos em nossa temática e público alvo participante deste, é importante apresentarmos etimologicamente o conceito sobre travestis. Segundo o dicionário (MICHAELIS.UOL - online, 2015) a palavra travestis significa, "disfarce sob o traje de outro sexo". Para o (DICIONÁRIO ON LINE DE LINGUA PORTUGUESA, 2015) a palavra travestis "[...] refere-se aos homossexuais cujas vestes e/ou comportamentos denotam particularidades ou ações características do sexo oposto". Para Kulick (2008, p.5) a palavra "advêm do verbo *transvestir, ou transformar*". Nos três entendimentos apresentados nota-se que o termo travestis parte de uma ação de deslocamento. Este deslocamento que aqui nos referimos entendemos como sendo a ação de mover-se do sexo e características masculinas para os perfis e formas femininas. Não podemos deixar de mencionar que o entendimento que mais destoia do significado da palavra travestis é o apresentado pelo dicionário Michaelis, visto que este apresenta o conceito como sendo um disfarce, algo que hora podemos ser hora não, e isso as travestis não fazem, se disfarçar. Na sequência do trabalho traremos claramente os motivos pelos quais as travestis não se disfarçam de mulheres, entendendo que a priori que para tal ação se faz necessário por parte destas uma escolha, uma vontade.

Algumas características destas pessoas são seus nomes sociais⁶, formas de linguagem, vestimentas, construções corporais entre outros aspectos advindos do universo feminino. É importante também apresentar o conceito social do ser travesti. Anteriormente trouxemos seu significado etimológico e agora apresentaremos o entendimento de travestis meio aos contextos de prostituição, não se refere somente a seus nomes, mas também as suas atuações em meio à mesma (Ferrareze, 2015, p. 54).

5 Segundo Richard Miskolci (2013, p. 24) O termo "abjeção", se refere ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que consideram uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política. Segundo Julia Kristeva, o abjeto não é simplesmente o que ameaça a saúde coletiva ou a visão de pureza que delinea o social, mas, antes, o que perturba a identidade, o sistema, a ordem (1982, p. 4).

6 Nomes Sociais são os nomes escolhidos pelas travestis para serem utilizados socialmente. Segundo (PELÚCIO, 2007) as travestis escolhem nomes de atriz ou personalidades famosas cujas quais gostam e/ou se identificam. Estes nomes as inserem na sociedade juntamente com suas modificações corporais.

expresso pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), núcleo que conta com uma participação expressiva de travestis em suas militâncias, sendo então este o melhor conceito/entendimento que uma pessoa, travesti, pode apresentar de si mesma:

Pessoa que nasce do sexo masculino ou feminino, mas que tem sua identidade de gênero oposta a seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes daquele imposto pela sociedade [...] as travestis não desejam realizar a cirurgia de redesignação sexual (mudança de órgão genital). [...] (ABGLT, 2010, p. 18).

O entendimento social apresentado pela ABGLT sobre as travestis nos mostra que estas pessoas nascem com um sexo biológico definido, porém não se reconhecem ou se identificam totalmente com os mesmos. No decorrer de suas vidas passam a desenvolver papéis sociais pertencentes ao sexo oposto. Aqui cabe dizer que entre estes papéis sociais entram, os de gênero, os sexuais, os afetivos entre outros. O ser travesti não apresenta uma estaticidade, ou seja, eles adquirem para si um corpo feminino, mas muito não se reconhecem ou querem ser tidas como mulheres, apenas possuem uma estrutura corporal feminina. Outro conceito importante apresentado pelo ABGLT e que para muitas pessoas soa como uma regra, é a ideia de que uma travesti quer realizar a cirurgia de redesignação sexual, o que não é verdade. As mesmas convivem bem com sua genitália, não querendo realizar uma cirurgia desta natureza.

Metodologicamente, foi utilizada pesquisa de campo, em períodos distintos no decorrer de 2014, conversando informalmente com as travestis e realizando algumas entrevistas semi-estruturadas. A realização de trabalho de campo teve como finalidade a aproximação direta com os sujeitos da pesquisa, reconhecimento de seu universo e do fornecimento de alguns dados importantes acerca das características das travestis, suas identidades e formas de comunicação.

Cabe ainda neste, dizermos que no decorrer do trabalho nos referiremos às pessoas travestis utilizando o artigo definido "a ou as" em consonância com o pensamento da (ABGLT, 2010, p. 18), "[...] aquela que possui seios, corpo, vestimentas, cabelos e formas femininas". Logo, uma pessoa ou pessoas que apresentam formas femininas não se tem como utilizar, por exemplo, a expressão "o senhor, obrigado, amigo, entre outros". Por este motivo e por respeito e consciência as travestis, as trataremos pelo gênero feminino.

2. O SURGIMENTO DAS TRAVESTIS NA SOCIEDADE BRASILEIRA

As primeiras aparições de travestis nos contextos sociais brasileiros datam dos anos de 1970, em especial na cidade de São Paulo, capital, onde começaram a frequentar os espaços sociais em grandes capitais. Estes espaços eram as praças públicas, casas noturnas, bares e avenidas. Na maioria dos casos, todas as vezes que se via uma travesti nesses ambientes, estavam em função de seus trabalhos, no caso, a prostituição (PERLONGHER, 1987, GREEN, 2000).

O surgimento das travestis em meio à sociedade causou um espanto na população que passavam onde as mesmas estavam trabalhando, é o que relata João Silvério Trevisan:

[...] o que mais me surpreendeu foi à presença maciça de travestis prostitutas no centro de São Paulo. Não eram um ou dois, mas dezenas que se multiplicavam a cada semana [...] As pessoas que passavam pelo centro [...] olhavam entre boquiabertas e fascinadas aquelas putas escandalosas, de voz grossa, traços geralmente mais duros e pés grandes, assediados por carros que paravam e acertavam o preço (TREVISAN, 1997, p. 74-75).

Este breve histórico do início das interações sociais de travestis marca o início de uma relação nada amigável entre a sociedade civil e as travestis. Com o rápido surgimento destas em meio à sociedade os discursos de ódio, o repúdio e as ações intervencionistas por parte do estado, buscando um "controle para esta epidemia" passaram também a surgir fortemente, caso este visto nas ações chamadas "operação limpeza" - rondas policiais extremamente agressivas, onde as travestis eram detidas, encarceradas e na maioria das vezes espancadas pelos policiais. Estas operações ocorridas na cidade de São Paulo no início da década de 1980, eram comandadas pelo delegado Richetti⁷. Vale salientar que o início da aparição de travestis, não se deu apenas na capital de São Paulo, outra capital que também sediava a estadia das travestis era a cidade do Rio de Janeiro, PERLONGHER, (1987). Esta capital também em meados da década de 1970 comportava inúmeras travestis que se utilizavam da prostituição como forma de trabalho informal, e a repressão policial também era grande SILVA, (1996).

Em meio a este cenário surgiu as protagonistas de nosso trabalho e com elas os estigmas que as acompanham até hoje em boa parte da população travesti. A título de

⁷ Mais conhecido como delegado Richetti, José Wilson Richetti foi um delegado da 3ª Seccional da cidade de São Paulo capital, responsável pela "Operação Limpeza"; ação policial na cidade de São Paulo onde a polícia prendia travestis, prostitutas e garotos de programa de uma forma abusiva e agressiva (Ferrareze, 2015, p. 35).

informação, estigma segundo o dicionário *Houaiss*, seria uma marca, um sinal, uma cicatriz ou algo que é considerado indigno (HOUAISS, 2001, p. 183). Pelo significado da palavra, entendemos que tal expressão não é boa, agradável ou quista. Goffman (1988), em seu estudo sobre estigma e identidade deteriorada, o conceitua como sendo “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (GOFFMAN, 1988, p. 7). O autor ainda afirma que uma pessoa estigmatizada não é considerada completamente humana pelos demais, criando assim vários tipos de discriminação e exclusão (GOFFMAN, 1988).

Travestis são pessoas que sofrem com diversos tipos de estigmas primeiramente, porque fogem à norma vigente de sexo e gênero; em um corpo masculino, decidem usar roupas e elementos femininos, para alcançar a máxima feminilidade utilizam hormônios e silicone, por serem estigmatizadas e não encontrando espaço no mercado formal de trabalho, partem para as atividades informais, como a prostituição. Logo o estigma que as travestis carregam em seus corpos, não podem de forma alguma ser escondidos, é algo que as acompanha onde quer que as vá. Então, fica claro que o estigma é um preconceito, gerando assim discriminação, dor sofrimento e para muitas, morte.

3. CONSTRUÇÕES CORPORAIS E COMUNICAÇÃO VISUAL EM MEIO ÀS TRAVESTIS

Pensar em travestis e como estas conseguem ficar com corpos muitas vezes mais bonitos que os das próprias mulheres é algo que perturba e/ou fascina muitas pessoas. O que a maioria da população não consegue ver ou entender é que este processo de transformação não se dá do dia para a noite, ou ainda que este não é algo fácil de se adquirir. A beleza corporal construída pelas travestis na maioria das vezes é fruto de processos clandestinos, árduos e porque não dizer, ilegais, visto que muitas travestis utilizam silicone industrial⁸, produto este utilizado em maquinarias e carros, para ganharem a tão sonhada forma de um corpo feminino. Em contra partida a Conferência Nacional LGBT no ano de 2008 passou a entender estes processos não exclusivos para todas as travestis:

⁸ Silicone Industrial é um líquido viscoso utilizado para lubrificar máquinas industriais ou polir carros. Geralmente este produto é utilizado por travestis para deixar seus corpos com as características femininas, como: seios, nádegas, quadril entre outros (KULICK, 2008; PELÍCUO, 2005).

[...] Muitas travestis modificam seus corpos por meio de hormonioterapias, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas, porém vale ressaltar que isso não é regra para todas [...] (Conferência Nacional LGBT em 2008).

As profissionais menos sucedidas recorrem ao produto mencionado acima na clandestinidade, pois o tratamento hormonal e a siliconização clínica é algo muito caro e não acessível a todas as travestis. A única coisa unânime entre elas é a vontade de ter um corpo perfeito, de ser bela e de conseguir através desta beleza, visibilidade e clientela, intuito das profissionais que recorrem à prostituição como sustento.

Mesmo com todas as características físicas e esteticamente femininas, algumas travestis não se consideram ou se identificam como mulheres; elas são como afirma Berutti, “homens que ardentemente desejam homens, e que se modelam e se aperfeiçoam como um objeto de desejo para esses homens” (2010, p. 8). Algumas travestis não se consideram mulheres como mencionado no início de nosso trabalho. Mesmo tendo em seus corpos símbolos femininos, elas trazem pra si recursos para uma melhor socialização com os homens, no entanto, uma travesti só pode ser considerada como tal se esta permanecer vinte e quatro horas do dia como mulher ou tiver iniciado o processo de hormonização ou siliconização, ou ainda, outras técnicas de cuidados pessoais, rituais de suma importância para as mesmas (FERREIRA, 2009).

É visto que para uma travesti a beleza realmente é fundamental, as mesmas gastam muito investindo em produtos de beleza, perfumes, roupas entre outras coisas, tudo para se tornar atraente aos olhos de seus clientes e das pessoas que as acessam visualmente na noite. Segundo (BENEDETTI, 2004; BERUTTI, 2010 e KULICK, 2008) e embasados nas narrativas de nossas participantes, os processos construtivos dos corpos travestis passam por diversas fases. Algumas travestis reforçam que as mesmas nunca param de se transformar, sendo um processo contínuo (PELÚCIO, 2005; BENEDETTI, 2004). Mas que transformações são essas enfrentadas pelas travestis? As mesmas nascem biologicamente pertencentes ao sexo masculino, no entanto, em determinada idade começam a perceber que sua identidade de gênero não corresponde à forma como gostariam de serem vistas. Assim como os homens homossexuais, estas assumem tal orientação sexual para si, no entanto, acabam notando que, mesmo como homossexuais, lhes falta algo. Alguns autores, como Larissa Pelúcio, relatam que a primeira fase de modificação na vida de uma travesti começa quando essas se assumem como gays para família e sociedade (PELÚCIO, 2004). No entanto, pudemos ver durante a realização das entrevistas, que para as travestis a fase de iniciação seria o que é para Pelúcio o terceiro momento, o processo de hormonização.

As entrevistadas relatam que vestir-se de mulher ou maquiarem-se não as tornam de fato travestis e que, em nossa atualidade, homens que não se consideram travestis, trajam roupas femininas e se maquam. O que as tornam de fato travestis é momento em que iniciasse as modificações corporais e isso, primeiramente, através da ingestão de hormônios – comprados em farmácias por travestis que não conseguem pagar um tratamento de hormônio-terapia, passando, posteriormente, pela siliconização dos seios, quadris, nádegas, entre outros. Neste processo de siliconização, travestis de baixa renda recorrem às chamadas ‘bombadeiras’ – geralmente travestis mais velhas que aplicam a injeção do silicone industrial nas travestis mais novas –, tornando-as assim, como muitas costumam dizer, mais vistosas, atraentes e femininas (PELÚCIO, 2005; KULICK, 2008). Para as travestis, o desejo em se ‘tornar uma mulher’ – elas não pretendem totalmente se tornar uma mulher, porém, usam elementos do universo feminino para se aproximarem ou parecerem com as mesmas ou em ter elementos do público feminino em seus corpos não às impedem de conviver com seu órgão sexual de nascença, pois as relações identitárias constituintes no corpo travesti excluem a importância ou o desconforto de seu falo, ou uma necessidade de se ter em um corpo feminino o órgão decorrente deste sexo, excluindo assim a possibilidade em se submeterem a cirurgia de redesignação sexual (SILVA, 1993; KULICK, 2008).

Cabe aqui dizer mais uma vez que existem algumas travestis que, mesmo aderindo em seus corpos símbolos do sexo feminino, não assumem para si tal identidade, como citado por uma entrevistada de Pelúcio; em relação ao seu gênero, a mesma diz “Nem homem nem mulher, nós somos travestis” (PELÚCIO, 2004, p. 127). Marta contou-nos que a disputa por clientes em meio às profissionais do sexo eram grandes, pois havia muitas travestis formosas e belas que chamavam a atenção de todos os transeuntes, motoristas e das próprias travestis que batalhavam juntamente a ela. A mesma diz que sempre procura se vestir bem, deixando o corpo um pouco a mostra, para chamar a atenção das pessoas que transitam em seu local de trabalho. Kelly, outra participante de nossa pesquisa nos relatou que se cuida muito, implantou silicone, tem nádegas grandes e por isso não precisa por. Ama perfumes, maquiagens e outros cosméticos que realçam sua jovialidade e minha beleza (Kelly tem 26 anos de idade). Disse-nos ainda, em tons de risos, que não pratica exercícios físicos pois sua genética é ótima. Toma hormônios para acentuar o corpo e procura dormir bem, o tanto que puder para cuidar da pele. Ela termina dizendo que faz tudo, que se conserva, para agradar seus clientes.

Através dos relatos das participantes, pudemos notar que a beleza é algo que se preza muito. Em vários momentos de nossas conversas as travestis afirmavam que se você não é

bonita, não se cuida ou se arruma bem, você não encontra clientes na noite. A beleza tem um valor muito significativo para essas mulheres. O ‘cuidar-se, arrumar-se, harmonizar-se’ ganham aprovação ou reprovação de suas transformações pelos olhares de todos que transitam por esses espaços e em meio às outras profissionais, significando para tanto seus sucessos ou insucessos nesses processos de beleza. O local de trabalho, para elas, não se resume apenas em trabalho, mas espaços de sociabilidade, aprendizagem e subjetivação. Benedetti reforça essas análises quando afirma:

[...] o convívio social das travestis nas áreas de prostituição está relacionado com a possibilidade da visibilidade social dos seus investimentos na transformação corporal e do gênero. É prioritariamente nestes espaços que [...] aprendem as modalidades e processos de se construir, corporal e subjetivamente, no gênero feminino é onde podem “verificar” se as estratégias de transformação de apresentação de si no feminino encontram reciprocidade, tanto por parte das outras travestis, como por parte dos outros habitantes deste universo social [...] (Benedetti, 2004, p. 5).

Logo, beleza e local de trabalho para essas atrizes, segundo o entendimento do autor e nossos apontamentos, entendem-se como visibilidade de suas construções identitárias e afirmação das mesmas, estando intrinsecamente atrelados um ao outro, apresentando, como resultado, os elogios e a procura dos clientes, baseado nos sucessos de transformação das mesmas. Luanda também participante de nossa pesquisa expressa, através de sua fala, a comprovação da discussão apresentada ao dizer que "se adora, gosta de ver seu corpo em meio a este trabalho, na medida em que entra no carro e vai tirando a roupa os homens falam: "nossa que corpo bonito você tem", a hora que tira a roupa e eles olham seu corpo, acha que eles sentem mais prazer ainda.

O prazer e a satisfação através dos olhares desses clientes afirmam os sucessos dessas profissionais. A fala “eu adoro meu corpo no meio deste trabalho” comprova o êxito obtido por Luanda. Ela conseguiu ser vista e ser desejada, dessa forma, foi escolhida para realizar o programa com tais clientes, através dos investimentos em seu corpo; a mistura de sucesso, desejo e aceitação, para tais profissionais, reforçam não somente o sucesso como seus devires, tornando-se ao que desejam ser.

Trabalhar com representações de gênero e sexualidade comporta um potencial crítico, pois é possível identificar de que formas são socialmente construídas, a imagem carrega sentidos, apresentam hábitos, modos de vestir, comportamentos que constituem identidades. Nesta análise, Landowski (1996) apud Castilho (2004);

“o próprio corpo como suporte sensível que se articula com diferentes códigos, processando continuamente uma série de significantes e, assim, “enformando” e “informando” significações [...] corpo cria processos de identidade, e “a presença do outro, como um corpo visível e sensível com o qual podemos nos identificar, representa a cristalização do sentido, que está aberto a re-significações” (Landowski, 1996, p. 122 apud Castilho, 2004, p. 46)

A aparência produzida a partir da valoração exacerbada da imagem transformada em performance tem levado as travestis a perceber que o corpo é o local primeiro de identidade, lócus à partir da qual cada um diz do seu íntimo, da sua personalidade, das suas virtudes, sustentáculo inconfundível de sua visibilidade – um eu – construído à partir da minha individualidade.

Nesta premissa, é no corpo e na sua linguagem que as travestis se produzem enquanto sujeitos, é uma questão definidora como interpretação não apenas de gênero, mas constructo de identidade, interferindo no próprio corpo - mostram que o corpo é, um meio de expressão, transmite um significado ou expressa numa performance, podendo ser compreendida como um código, um elo que as une e as repelem por meio da diferença, ou seja, travestis não *montam* só o corpo, este é o reflexo e significado desta identidade, sendo isto que produz sua autenticidade. A entrevistada Marta, relata “é muito custoso ser autêntica, nisto não se pode economizar, se mostrar mais autêntica ao se aproximar daquilo que sempre se sonhou em ser”.

Este termo - montar, as travestis referem-se à transformação do corpo, de diversas maneiras, como mencionamos acima. E a partir deste, que se delinea sua inserção no exercício corporal e incorporação de identidade, valores, nomes, gêneros. É um divisor de águas para sua inserção nesta categoria. A montagem das travestis é referendada pela intervenção feminina “24 horas por dia”, onde o masculino permanece oculto. E segundo Guterres:

“O corpo como um forte símbolo, capaz de operar comunicação, estabelecendo um código compartilhado pelo grupo, [...] a linguagem corporal é plena de significados” (GUTERRES, 1995, p. 304)

O corpo fomenta a exploração de possibilidades e significações, dá forma, proporção, volume decorrente de um poderoso e multifacetado meio de interação, empoderando as travestis na materialização ideias, sentimentos, desejos e saberes, para Castilho (2004) o corpo é utilizado como elemento de potência, ameaça, diferenciação, sedução, tentação e articula amplas relações em cada uma das formas de ele estar em diferentes contextos.

Sobre a imagem de perigosas as travestis ao longo dos anos apresentaram a imagem de indivíduos agressivos, no entanto, é de suma importância entender que, no início de suas aparições em meio à sociedade, as mesmas apanhavam muito, tanto de policiais quanto de

peças que apenas estavam passando pela rua (PERLONGHER, 1987; TREVISAN, 1997; GREEN, 2000). Sem saberem se defenderem dessas agressões, as travestis foram obrigadas, de alguma forma, a utilizar o que podiam para tentar escapar e se proteger de tais atitudes; foi nesse instante que passaram a utilizar giletes, estiletes e outros materiais cortantes como forma de proteção. A partir desse momento, surge a imagem de que as travestis são perigosas e violentas, bem como as ideias alimentadas até hoje de que as travestis andam armadas – armas brancas (TREVISAN, 1997). No entanto, tais atitudes são respostas às inúmeras violências sofridas em sociedade, reforçando assim, a fala de Maturana (1998), que expressa a ideia de que sem sociabilidade ninguém será sociável.

4. COMUNICAÇÃO VERBAL TRAVESTIS COMO FORMA DE EMPODERAMENTO

É importante para este momento dizer que a expressão ‘atrizes sociais’, utilizada em meio a esse trabalho para se referir as travestis, advém primeiramente das escolhas de seus nomes sociais. Ao entrarem no universo travesti, escolhem para si nomes de pessoas famosas e com quem se identificam, para serem referenciadas por todas as outras travestis e demais pessoas (MISCOLCI e PELÚCIO, 2007). Esses nomes, em meio à prostituição, lhes agrega o valor de atrizes, pois muitas vezes, na prostituição, estas têm que interpretar diferentes papéis – ativa ou passiva –, bem como diferentes sentimentos e sensações – de que se está feliz, alegre, de que nada as atinge ou de que estão sentindo prazer nas relações sexuais, seja através do gozo das mesmas ou do fazer o cliente gozar. É, literalmente, o jogo do interpretar, logo, atrizes sociais, em meio aos contextos de prostituição, não se refere somente a seus nomes, mas também as suas atuações em meio à noite.

Assim como seus nomes sociais as travestis utilizam uma forma de linguagem própria delas para se comunicarem ou também para se diferenciarem das demais pessoas. Esta linguagem vem ser para as mesmas como um código, que só elas sabem o seu significado. Ao longo dos anos diversos estudos sobre travestis, suas culturas, identidades, linguagem e etc. puderam desmistificar esse universo de suas linguagens, aproximando pesquisadores e curiosos que queriam entender tais expressões e vocábulos utilizados pelas mesmas.

Um corpo não é apenas um corpo, ele é o reflexo de intervenções, de significados culturais e sociais ao que a ele se atribui, e a este é constituído pela também pela linguagem. Ou seja, não pela linguagem já existente, mas por ela criada a fim de dar sentido à identidade, e reiterar a materialidade a produção de significados e de suas representações.

Um trabalho extremamente bem elaborado que vem nos informar sobre as gírias, expressões, palavrões entre outros termos no linguajar travesti se intitula como "Aurélia a dicionária da língua afiada", escrito por Ângelo Vip e Fred Libi, publicado pela editora da Bispa no ano de 2006. Os autores por intermédio das travestis elaboraram uma coletânea embasada no "bajubá" - linguagens das travestis onde nesta podemos ver os significados de diversas palavras, a exemplo de algumas vemos: Aqué - dinheiro, Picumã - cabelo, Amapô - mulher, Boneca – travesti, Dar a elza - roubar, Erê – menino novinho, Lady – homossexual feminina (passiva), Maricona - homem velho que nas relações sexuais gosta de ser penetrado e Alibã – Polícia, Uó – tudo de mal/ruim.

O linguajar travesti apresenta como dissemos várias palavras e termos, estes as empoderam em meio a uma sociedade que as exclui, as maltrata e ignora. Através da visibilidade dada ao linguajar travesti. Kelly outra entrevistada nos chama a atenção para um fato recorrente sobre o linguajar travestis. Ela afirma que "muitas pessoas acabaram aderindo algumas palavras em seu cotidiano sem nem saber que tais expressos advêm do nosso dialeto, é o caso dos termos, maricona e amapô" (FERRAREZE, 2015).

Como afirma Castilho (2004, p.95) da linguagem se constrói a identidade e se efetivam os relacionamentos. Por este motivo é relevante tornarem-se explícitas as relações entre gênero e ideologias expressas através da linguagem.

A comunicação é importante e define relações sociais, sendo que a travesti não está apenas emoldurada na plástica de vitrine, mas produz e reproduz a partir de uma linguagem própria, condição que aduz ao modo de vida, identidade, sua sobrevivência perante uma vida cheia de incertezas e armadilhas e/ou manifestação diante do encontro e convívio das iguais. Neste sentido, Martino avigora a análise quando sintetiza:

[...] na comunicação se desenvolvem noções principais de identidade – a definição comunicativa do indivíduo, do grupo acontece na possibilidade de se compartilhar um discurso, trama responsável por indicar quem é você e, por contraste e complemento, quem você não é [...] (Martino, 2010, p.57)

Parece-nos que as escolhas das travestis para satisfazer suas necessidades de identidade e gênero – distinção de indivíduo pelas possibilidades particularizatórias e adequação social em meio ao seu grupo, faz do corpo sua narrativa, como meio que configura a imagem segundo as interações que as envolvem. Os membros de um determinado grupo reconhecem-se baseados nos seus trajes/costumes, comportamentos, gestos, comunicação pela língua utilizada, adoção de ideias, valores, crenças e instituições comuns. (CASTILHO, 2004)

Diante de tantas mudanças no seio da sociedade e em foco a discussão de gênero, revelamos diferentes práticas sociais, manifestações e identidades à partir do modo de comunicação e linguagem das travestis, perpassados num contexto local – cidade de Ponta Grossa - PG, referendados na conjuntura nacional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto de interesse com o universo travesti, com a construção de identidade desse ser que é singular e, ao mesmo tempo, múltiplo, motivou a realização desta pesquisa, a formação da identidade pessoal e de gênero, através da comunicação e linguagem, suscita uma relação dialética entre passado e presente, oportunizando uma reflexão sobre a linguagem como construção simbólica de gênero.

Ser travesti indica a estética e identidade como investimento de auto-representação com implicações na sexualidade, no gênero, na diferença sexual, exacerbam o rompimento da lógica da imutabilidade como homem e mulher – binarismo sexual. Para tanto a compreensão de gênero não tem o intuito de negar os aspectos biológicos, mais sim ressaltar as vivências e experiências do sujeito diante de suas relações sociais com o mundo, dão conta de construir uma identidade profícua inserida nas novas determinações sociais, como questão de comunicação, resultado de interações, produzido cotidianamente e decodificados conforme nossos anseios e intenções, ou seja, poder dizer “esta sou eu”.

Desta forma, este trabalho procurou evidenciar que a identidade travesti perpassa pela interação do modo de comunicação – expressão corpórea e da linguagem, como objeto de representação da categoria de gênero, amálgama de sua construção/reconstrução, esgarçando os estigmas de preconceito e discriminação, rotuladas como perigosas e/ou escórias da sociedade e assim contribuir para o aprimoramento da tão necessária reflexão sobre identidade pessoal e de gênero, capazes de dar continuidade na compreensão deste universo.

REFERÊNCIAS

ABGLT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **Manual de comunicação LGBT**. Aliança Paranaense pela cidadania LGBT. Programa conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS – UNAIDS. 1ed. 2010. Disponível em: <http://abgltribrasil.blogspot.com.br/> Acesso em: 02 jul. 2013.

BENEDETTI, Marcos Renato. **A batalha e o corpo**: breves reflexões sobre travestis e prostituição. 2004. Disponível em:

http://www.ciudadaniasexual.org/boletin/b11/breves_reflexoes_sobre_travestis_e_prostituicao.pdf Acesso em: 12 ago. 2013.

BERUTTI, Eliane Borges. **Travestis: retratos do Brasil**. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010.

CASTILHO, K. **Moda e linguagem** – São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

DICIONÁRIO ON LINE DE LINGUA PORTUGUESA, 2015. Disponível:
<http://www.dicio.com.br/>

FERRAREZE, Rafael B. **Bonecas na noite: histórias cotidianas de travestis e transexuais**. 2015. 110 p. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Irati 2015.

FERRERIA, R.S. **A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman**. *Ci. Inf., Brasília*, v. 38, n. 2, p. 35-45, maio/ago. 2009.
GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. (4ª ed.) Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Editora: Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro, RJ, ano 1988, 158 p.

GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo. Editora UNESP, 2000. 541 p.

GUTERRES, L.S. **“O corpo carnavalesco”**, in: LEAL, O.F. (org). **Corpo e significados: ensaios da antropologia social**, Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. / Don Kulick; (tradução, Cesar Gordon). – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
MARTINO, L.M.S. **Comunicação & Identidade: quem você pensa que é** – São Paulo: Paulus, 2010.

MICHAELIS.UOL - online, 2015. Disponível: <http://michaelis.uol.com.br/>

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças** / Richard Miskolci. – 2. Ed. Ver. e ampl., 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2013. – (Série Cadernos da Diversidade, 6) p. 21-35.

PELÚCIO, Larissa - SBS – XII Congresso Brasileiro de Sociologia. GT 17- Sexualidade, Corporalidades e Transgressões: **Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos t-lovers**: a construção da identidade de um grupo de homens que se relacionam com travestis. Fevereiro e Abril de 2005.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1987, 276 p.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti: a invenção do feminino**/ Hélio R. S. Silva – Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ISER, 1996. 176p.

TREVISAN, João Silvério. **O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino.** In: CALDAS, Dario (org.) **Homens em São Paulo.** Editora: SENAC, São Paulo, 1997.

VIP, Ângelo; LIBI, Fred. **Aurélia a dicionário da língua afiada.** Ângelo Vip e Fred Libi. Editora da Bispa. 2006, 143 p.